

O CONCEITO DE INFÂNCIA E A ATUALIDADE

THE CONCEPT OF CHILDHOOD AND THE PRESENT

¹SILVA, R. F.; ²OLIVEIRA, F. S.

¹Aluna do curso de Psicologia Clínica –Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

²Mestre em Psicologia e professor –Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

RESUMO

Este trabalho tem por intuito levantar o conceito de infância, como ele foi sendo construído ao longo das décadas e a maneira que é adotada na atualidade. Segundo a ótica psicanalítica, partindo do pressuposto que a infância é uma fase do desenvolvimento muito importante para a subjetivação dos indivíduos, deve-se considerar e averiguar o modo que as crianças estão sendo educadas. A infância não se trata apenas de uma fase do ciclo natural da vida, mas também de um agente transformador do meio em que se encontram. Cada membro do grupo familiar contribuirá de alguma forma para o desenvolvimento da criança que nele encontra-se, a família é o primeiro grupo de intervenção, é o primeiro contato com o meio externo que a criança tem, sendo esta que vai prepará-lo para a vida social. Optou-se por estudar a infância e sua relação com a história devida a riqueza de conteúdos que o tema traz para a contemporaneidade.

Palavras-chave: Psicanálise, História, Criança.

ABSTRACT

This paper has the intention of childhood as it was being built over the decades and the way it is adopted today. According to the psychoanalytic perspective, on the assumption that childhood is a very important phase of development for the subjectivity of individuals, should consider and investigate the way children are being educated. Childhood is not just a phase of the natural cycle of life, but also an agent of transformation of the environment in which they are. Each member of the family in some way contribute to the development of the child that it is, the family is the first intervention group is the first contact with the external environment that the child has, being that this will prepare you for social life. We chose to study children and relationship to history due to the wealth of content that brings topic to contemporary.

Key words: Psychoanalysis, History, Child.

INTRODUÇÃO

A psicanálise é uma vertente da psicologia (com teorias e técnicas), elaborada por Sigmund Freud, na qual se procura conhecer o inconsciente do indivíduo em análise, através da associação livre, interpretações, onde o mesmo relata a seu analista tudo o que lhe vier à mente, cabendo a este interpretar tais conteúdos.

Esta teoria parte do pressuposto que nossas ações são pautadas, em grande parte, por conteúdos e razões de natureza inconsciente, tendo por embasamento de estudo o consciente e o inconsciente, a libido, as pulsões, a frustração, o mecanismo de defesa do Eu, as três instâncias da personalidade

Id / Isso (base da vida psíquica, pulsões, o princípio do prazer), o Ego / Eu (o princípio da realidade, o regulador das pulsões) e o superego / supereu (normas, regras e proibições culturais que o sujeito aprende em seu desenvolvimento).

Deste modo, levando em consideração a importância da infância para o desenvolvimento individual, sendo que encontramos traços da infância até a vida adulta, buscou-se neste estudo fazer uma descrição do conceito “infância” de como este foi sendo construído pela sociedade e de que modo este se encontra na atualidade.

Esta pesquisa abordará pelo viés psicanalítico o conceito de infância, por meio das épocas até o período do Brasil colônia, ressaltando também a atualidade e o modo como as crianças estão se constituindo entre meio as tecnologias e a pressa do dia-a-dia.

A partir de pesquisas bibliográficas, visando compreender a importância da infância para os indivíduos, para os acadêmicos e a sociedade como um todo; tal pesquisa foi realizada através de levantamentos bibliográficos referentes ao tema, focando em autores como Ariès (2006), Jesild, (1971), Radino (2003), Priore (2000), Elkind, (2004) e Postman (1999), que relatam em suas obras conteúdos importantes a cerca do desenvolvimento infantil e da relação que as crianças mantêm com as fantasias encontradas em brincadeiras, contos de fadas e faz de contas e também com a cultura e sociedade onde estão inseridas.

A pesquisa pretende mostrar o quanto a infância tem que ser considerada e respeitada, tendo em vista sua constituição histórica além da individualidade, subjetividade das crianças, de modo que cada criança deve ser tratada como criança, tendo seu desenvolvimento psicoemocional e psicossocial do modo mais adequado que lhe for possível.

Através dos conteúdos levantados em pesquisa, é notório que a infância trata-se de uma fase muito importante para a vida dos seres humanos assim como para os contextos sociais.

Segundo Ariès (2006), a infância foi sendo construída socialmente com o passar do tempo, antes disso, não existia o conceito de criança, todos eram tratados como adultos. As crianças participavam das atividades junto aos adultos, não havia uma divisão do que era específica para as crianças. Ainda

no século XVIII, era possível ver estes traços, por exemplo, em atividades festivas da “festa da juventude” os meninos podiam pular dentro de tonéis de vinho, (e beber o vinho) como um ritual de fecundidade e braveza masculina.

Nas palavras de Radino (2003), a mortalidade infantil era algo comum, os pais tinham vários filhos, mas poucos sobreviviam. A afetividade e os vínculos familiares quase não existiam, era função da família apenas zelar pelos bens do grupo e pela honra; como os tutores não se apegavam as crianças, muitas famílias pobres e miseráveis desfaziavam-se dos filhos os abandonando ou os deixando em casas de famílias abastadas para servirem como servos apenas em troca da alimentação.

Sendo assim, os autores acima citados, concordam que o conceito de infância foi sendo construído com o passar dos séculos e que este pressuposto é significativo e deve ser respeitado na contemporaneidade.

DESENVOLVIMENTO

A infância não se trata apenas de uma fase do ciclo natural da vida também de um agente transformador do meio em que se encontram. Quando uma família recebe um novo membro (uma criança) sua dinâmica e sua estrutura familiar mudam devido ao novo contexto ao quais estes vão inserir-se. Cada membro do grupo familiar contribuirá de alguma forma para o desenvolvimento deste novo membro. A família é o primeiro grupo de intervenção, é o primeiro contato com o meio externo que a criança tem, e é está família que vai inseri-lo na sociedade e prepará-lo para a vida social.

A importância de se ter uma infância tida como adequada, das vivências infantis e dos direitos e deveres das crianças nem sempre foram notadas pela sociedade como ocorre na atualidade. O olhar sobre a infância veio se transformando e se modificando com o passar dos tempos, desenvolvendo novas formas de pensar agir e refletir sobre a infância, desenvolvendo novas formas de pensar, agir e refletir sobre os primeiros anos de vida, mudando a práxis que envolviam as crianças.

Relata Ariès (2006), que na era medieval as crianças não eram retratadas nas obras de arte, pois a fase da infância era anulada (não reconhecida pela sociedade como uma fase com particularidades), as crianças eram adultos em miniatura. Era como se a infância não existisse ou não tivesse

lugar na sociedade. Nesta época a infância não tinha um espaço definido, as crianças eram “homenzinhos” que assim como os adultos tinham deveres, contudo ainda não tinham seus próprios direitos e nem um lugar em meio à sociedade medieval.

A arte medieval retrata esta falta de representatividade da criança na sociedade, como se não tivesse valor, até a criança se tornar verdadeiramente pronta para assumir os padrões culturais difundidos no meio social e familiar, para que assim assumisse parte do mundo adulto. Já nas artes gregas temos imagens realistas das crianças não sendo retratadas como “homenzinhos” estas já recebem traços infantis, delicados, específicos de meninos e meninas, esta idealização da infância se torna um traço marcantes das artes gregas, “criancinhas” reconhecidas como “criancinhas” (ARIÈS, 2006).

De acordo com Radino (2003), durante a idade média as mulheres não podiam expressar-se socialmente, somente prostitutas que dirigiam a palavra a homem nas praças e andavam desacompanhadas nas ruas (sem seus maridos, irmãs ou criadas) e as amas de leite e as governantas das casas que transitavam pelas ruas livremente e que interagem socialmente com as crianças (até então eram considerados minia-dultos, ou seja, as crianças eram consideradas e tratadas como adultos, não existia o conceito de infância e sua importância, as crianças tinham as mesmas obrigações e deveres de um adulto).

O processo de descoberta da infância pode ser considerado como um evento gradativo iniciado lentamente através de pequenas mudanças, que foram tomando formas e inserindo novas formas no processo sócio-históricos. A retratação das crianças foi tomando formas e cores, vivas e ricas em detalhes, com roupas designadas para sua idade, mesmo quando retratadas em velórios ou até mesmo mortas as roupas eram infantis, assim como suas características físicas (ARIÈS, 2006).

Quando enfim temos a infância como à primeira fase da vida, o desenvolvimento individual dos pequenos começa a se tornar mais sadio, assim como a sociedade em que estão inseridos (JERSILD, 1971). Considerar a criança como tal, não somente pelo seu corpo em desenvolvimento também reconhecendo sua expansão intelectual, psicológica e social; pensar nas crianças próximas de maneira que pensamos hoje e não sobrecarregá-la com

deveres; ou diminuir seus conflitos, dando a suas dificuldades uma menor importância.

Pode-se dizer que a história da criança, juntamente com a história social, é algo que foi se transformando e tomando significações através de vários símbolos, como nas artes e na arquitetura assim como os contos de fada. Tornaram-se uma maneira de relatar seus conflitos, angústias, desejos e sentimentos, sejam estes conscientes ou inconscientes.

Quando falamos de crianças, dentro da psicologia, temos que levar em conta os fatores da hereditariedade e do ambiente onde ela está inserida, ou seja, família (descendentes) e a sociedade (cultura, religião, classe social) na qual o pequeno se encontra. De acordo com Jersild (1971), tanto os fatores parentais quanto os do meio em que se vive influenciam o desenvolvimento das crianças, sendo relevante a ação que ocorre reciprocamente entre ambos.

A psicologia tem que estar atenta às diversas circunstâncias nas quais uma criança pode crescer, assim como em orfanatos, casas abrigo, com avôs, tios, filhos de pais separados, adotivos entre outros casos. Deve-se pensar, nos mais diversos grupos de relacionamento familiar e social não ficando preso somente na construção da família burguesa (pai, mãe e filhos). Conforme relata Jersild (1971), para a psicologia a hereditariedade e o meio social trazem efeitos na vida das pessoas, iniciando este processo de interferência logo no começo de nossas vidas.

Sentimentos de bem estar, de simpatia, amor, rancor, ódio entre tantos outros, estão ligados ao convívio com as outras pessoas, a ambivalência de sentimento também se faz presente. É necessário considerar estas afeições que todas as pessoas sentem a mudança de sentimentos não ocorre somente com os adultos, mas também com as crianças.

Pensando na contemporaneidade, notamos que a pressa dos adultos reflete também nas crianças. Compromissos, obrigações, agenda lotada, se tornaram algo constante bem diferente do tempo dos nossos avôs, onde as crianças brincavam nas ruas. Hoje, muitas delas precisam trabalhar para ajudar suas famílias.

“Ser criança não é fácil”. Os pequenos, já ao nascer, se deparam com mudanças sociais constantes. Grande parte dos pais, sobrecarregados no trabalho e na criação dos filhos se sentem pressionados e estressados querem

que as crianças amadureçam logo, cresçam e não sejam mais dependentes de seus cuidados. Para que isso ocorra o mais rápido possível, sobrecarregam e pressionam as crianças, acreditando que esta pressão é algo positivo para seu desenvolvimento, contudo este ato pode ser prejudicial e estressante para a infância (ELKIND, 2004).

Muitas vezes, em nosso cotidiano, não temos tempo de refletir sobre os afazeres que temos de cumprir e isto tem influência na vida das crianças, no quanto eles podem se sentir 'abandonados' por não terem uma atenção de seus pais ou responsáveis. Não conseguimos perceber que a infância hoje, escrita nos livros e garantida por leis, foi construída aos poucos, com vários percalços e é de certa forma prejudicada pelos adultos, quando não dão a atenção devida e o valor correto para a infância.

A pressão que as crianças sofrem para "serem as melhores", amadurecerem e se tornarem adultos bem sucedidos, se inicia quando elas entram na escola (ou bem antes disso), quando começam a receber instruções e conhecimento de ordem intelectual, como o grau de conhecimento que estão alcançando e com a nota que estão tirando, os tutores norteiam-se para saber o quanto ela está aprendendo e guiam a pressão que fazem para que elas sejam as melhores alunas da turma (ELKIND, 2004).

A psicanálise nos trás uma reflexão de que a criança não é uma "folha de papel em branco", ela tem suas próprias vontades e a psique suas próprias exigências. Estes fatores têm que ser levados em conta ao se pensar o universo infantil. Pode-se considerar o convívio entre a criança e seus pais como fator de influência no desenvolvimento psicológico e intelectual, contribuindo para a formação do adulto que ela se tornará não modelando a criança em sua totalidade (POSTMAN, 1999).

A partir do que descreve Postman (1999), não podemos esquecer que um dia as crianças se tornarão adultos e que esta transição da infância, adolescência e vida adulta, ocorre gradativamente e não pode ser impedida ou realizada rapidamente. Os adultos que cercam a criança no período do seu desenvolvimento contribuem de varias maneiras para seu crescimento intelectual e psicológico, tendo uma participação na formação do adulto que ela vai se tornar.

A idéia da infância foi tomando força com a sensibilização e a humanização social, de forma que as crianças ganharam seu espaço na sociedade contemporânea ao mesmo tempo sofrem uma pressão para assumirem suas responsabilidades e se comportarem de um modo “adequado”, como os adultos (POSTMAN, 1999).

A respeito das crianças brasileiras, sabemos que elas estão vivendo das mais diversas formas: crianças ricas, pobres, que moram em favelas das grandes cidades e as ribeirinhas da Amazônia, as bem tratadas e as que não sabem nem quem são seus pais, todas elas juntas formam o retrato da infância no Brasil. Deparamo-nos com as mais diversas formas de realidade, aquela criança que trabalha para ajudar seus familiares a ganhar o sustento de seus lares, até aquela que são os “pequenos imperadores” da casa que mandam e desmandam, tendo tudo o que querem, na hora que querem como uma forma de suprir a falta dos pais em sua vida, que trabalham o dia todo, estuda a noite e não tem tempo para estarem com seus filhos (PRIORE, 2000).

Não podemos ficar alheios aos problemas que envolvem a infância, como se nada estivesse acontecendo como psicólogos temos que manter uma posição crítica, percebendo as mudanças que a infância sofreu com o passar do tempo permanecer na crença que a infância dos anos cinqüenta é a mesma do século XXI é um equívoco.

Segundo Priore (2000), podemos ter duas visões sobre a infância tanto no Brasil como no mundo podemos vê-la de forma idealizada com risos, brincadeiras e brinquedos, passeios entre a família, a criança bem cuidada e contente, a infância defendida por lei preciosa para a vida e para a constituição de um bom núcleo social.

A outra visão à qual Priore (2000), se refere é a com base na realidade, crianças abusadas de várias formas algumas sem pais outra sem ensino adequado ou nenhum ensino crianças pressionadas para serem as melhores em tudo, estressadas pelo dia-a-dia agitado e lotado de compromissos ao qual não estão preparadas para assumir.

A infância não pode ser notada somente por uma posição realista ou idealizada, temos que ver como estas duas formas estão integradas na atualidade e como as falhas de uma e de outra podem ser trabalhadas.

Por mais pressionadas, estressadas que as crianças possam sentir por não terem seus pais por perto pela pressão de terem que ser as melhores, de amadurecerem e enfrentarem a realidade da vida logo, a magia e a fantasia de ser criança, a felicidade da infância, suas brincadeiras e brinquedos, seu mundo de criatividade, ilusão e simbolismo ainda existem. A criança estressada que tem sua infância perdida pela pressão social é a mesma criança idealizada que deve ser protegida, receber carinho e ter apoio de seus familiares e do meio social (ELKIND, 2004).

Para Elkind (2004), o rápido movimento sócio histórico, o desenvolvimento tecnológico, as exigências de pessoas perfeitas pela sociedade, a economia e a mídia, fazem com que todo o conhecimento que as mais diversas ciências obtiveram sobre a importância da infância, fique limitado, sendo este o fato que faz com que pressionemos as crianças para se comportarem como adulto.

Segundo Postman (1999), em qualquer sociedade encontramos adultos e crianças, sendo cada vez mais visíveis as semelhanças entre elas, as roupas, a linguagem, os comportamentos, os direitos às leis, estes requisitos são parecidos ou até mesmo iguais para ambas as categorias. Deste modo, ao mesmo tempo em que existe o avanço pelos direitos da criança e do adolescente, ocorre também o declínio da própria infância, sendo que a infância está cada vez mais garantida por legalmente, tem sua importância na construção da vida, no processo de subjetivação e seu valor psicoemocional, intelectual e social esquecidos.

Garantir os direitos da infância em lei é importante para as crianças e para toda a sociedade esta mesma sociedade tem que valorizar não apenas as leis este primeiro estágio da vida, dando seu valor devido, devemos ensinar, educar, colocar limites e regras, auxiliá-los em suas dificuldades e valorizar suas conquistas. Auxiliar e motivar os pequenos em seu crescimento psicológico e intelectual é algo positivo para a vida da criança, os adultos devem saber que tudo tem seu tempo seguir o ritmo da criança é algo saudável, cada criança tem seu tempo para se desenvolver e aprender (ELKIND, 2004).

Através dos estudos de Postman (1999), percebemos que a infância começou a ganhar seu espaço na sociedade e a ser considerada uma fase

especial pelos adultos, quando as crianças começaram a receber informações como o aprendizado da escrita e da leitura, que antes era destinada somente quando se tornavam jovens adultos esses ensinamentos passam a ser realizados de modo mais simples para que pudessem ser entendidos pelas crianças, assim se iniciou a infância.

A dinâmica familiar atual exige muito das crianças, elas devem ser compreensivas com a falta de atenção dos seus pais ou até mesmo com a ausência deles devido às separações conjugais e trabalho fora. Desta forma os pais e cuidadores também devem buscar compreender os sentimentos e angustias das crianças, pois como a vida cotidiana não é fácil para os adultos igualmente não é para os pequenos.

CONCLUSÃO

Entendendo como o conceito de infância foi sendo estabelecido com o passar das décadas, é possível compreender a maneira como a relação criança, adulto e sociedade vão sendo construídas até a atualidade.

Na contemporaneidade estamos habituados a conviver com a separação do que se destina para os adultos e para as crianças. Quando pensamos neste fato, temos que estar atentos que nem sempre foi assim e que a maneira que estamos conduzindo a infância, pressionando-os às para que se tornem adultos o mais rápido possível, pode estar conduzindo o convívio social e a cultura para que esta distorção de fases volte a acontecer de uma maneira ocultada.

Ressaltando, os psicólogos, educadores e os pais devem sempre estar atentos para a maneira que estão conduzindo as atividades, comportamentos e exigências que são direcionadas para as crianças, tentando evitar uma cobrança exacerbada do desenvolvimento e da aprendizagem deles, pois a fase da infância é realmente um período de aprendizagem e descoberta do conhecimento, mas cada criança tem um ritmo e um amadurecimento psicoemocional e psicossocial diferente.

Portanto, nota-se a importância do tema conceito de infância, pois este abrange vários pontos sociais, culturais, históricos e psicológicos, tendo sempre que ser pensado, estudado e revisto pela psicologia.

Compreender o conceito de infância significa entender também o adulto que encontramos na sociedade, pois o adulto de hoje foi a criança do passado.

Deste modo pode-se concluir que os elementos contidos no conceito histórico da infância, além de serem fatores muito importante para a atualidade e para a maneira que incluímos as crianças na contemporaneidade, se tornam um instrumento que facilita o trabalho do psicólogo tanto na psicoterapia individual de base analítica quanto em instituições vinculadas a crianças.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

ELKIND, D. **Sem tempo para ser criança a infância estressada**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JERSILD, D. A. T. **Psicologia da criança**. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1971.

PRIORE, M. D.; O cotidiano da criança livre no Brasil entre a colônia e o império. In: PRIORE, (Org). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000. p. 85-133.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RADINO, G. **Contos de fadas e realidade psíquica: A importância da fantasia no desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.